

## A

**Abstracto** — Toda a literatura é abstracta, concretas são as pedras. Não aceitar isto é aceitar a literatura como copiadora do concreto, como uma segunda mesa, ou uma segunda casa.

A palavra casa (imaginemos que é a casa da senhora Gertrude), a palavra casa não é uma segunda casa da senhora Gertrude. A senhora Gertrude — modesta — só tem uma casa: não a enganemos, pois, com a ilusão de uma segunda habitação. A casa — nesta ou em qualquer frase — é uma casa abstracta, ou seja: uma casa literária.

A literatura não é uma cópia dos objectos do mundo: a casa não é casa, e a mesa não é mesa. A literatura tem objectos próprios, completamente distintos dos que existem na vida dos vivos.

Não confundas um escritor com um arrumador de mobílias.

**Acumular** — Não se devem acumular informações ou episódios narrativos. O que se acumula são perplexidades.

A literatura exige especialistas em mistérios. Mas não mistério de detective, com um fim determinado: o assassino é descoberto. Trata-se (na literatura) de um especialista que estuda o mistério, aumentando-o. Estudar o mistério é aumentar o mistério, não é diminuí-lo. De certa maneira, a análise literária-Bloom é também isto: não diminuir as perplexidades, aumentá-las.

No final de um texto-Bloom, ou mesmo no final de uma frase-Bloom, o leitor deve não-saber mais factos do que não-sabia antes. Este, porém, não é um método para aumentar a ignorância, mas um método para aumentar a curiosidade.

Acumular é, pois, diminuir, tornar mais raro.

**Adiposidade** — Há frase adiposas, frases com barriga.

Todo o adjectivo é uma ameaça adiposa sobre a frase. Um bom exemplo é a frase anterior. Há menos adiposidade na frase: todo o adjectivo é uma ameaça sobre a frase, do que na frase: todo o adjectivo é uma ameaça adiposa sobre a frase.

Uma palavra-adiposa é uma palavra que não avança. Uma palavra-sofá.

**Andaime** — O andaime é uma estrutura intermédia que existe durante o processo; e classicamente considera-se que deverá desaparecer no fim da obra. Claro que tal é um exagero. Ou seja: um erro. O que deverá desaparecer no fim da obra é o menos interessante. O final é o final, o melhor é o melhor.

Os andaimes na literatura permitem-nos subir para depois agir num determinado ponto mais elevado do que o habitual. Sem andaimes toda a literatura seria feita pouco mais acima da altura dos répteis. Sem andaimes o homem faz literatura com uma altura bípede, ou seja: entre os mamíferos é altura média. E um verso bípede ou um verso de mamífero médio não entusiasma mais do que uma geração. Os andaimes são, pois, indispensáveis. Certos textos, como certas aves, flutuam muito acima da terra apenas porque num determinado momento alguém lhes ofereceu a possibilidade de subir em segurança.

Mas o andaime pode ainda ser transformado em estrutura final. Se o andaime for mais forte e eficaz do que a fachada principal de uma narrativa, então o que deverá ficar é o andaime.

É uma questão de percurso — acção — e de alcançar o destino — o final.

Não olhes para mim quando eu chegar, olha para mim quando eu avançar.

**Aristocracia** — Toda a frase com palavras não entendidas pela multidão deverá ser banida. Palavras individualmente obscuras são obscuras quando podiam ser claras.

Porém, toda a frase entendida pela multidão deverá ser banida. Frases individualmente claras e óbvias são desnecessárias.

Percebo todas as palavras, mas não totalmente o texto — eis o efeito da literatura-Bloom.

As frases elevam-se pela estranheza que ameaçam. As palavras rebaixam-se pela estranheza que exibem.

Toda a palavra que individualmente requer investigação deverá ser eliminada. Toda a frase que não requeira investigação deverá também ser eliminada.